



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O sentimento de inferioridade e o ciúme presentes no Mouro Otelo, de William Shakespeare

Por: Beatrice Uber¹

josianesmiderle15@hotmail.com

&

Josiane Jabovski Smirdele²

Resumo

A tragédia *Otelo* (1993 [1604]), escrita pelo dramaturgo William Shakespeare, apresenta o general mouro Otelo, que assassina sua esposa por acreditar em sua suposta traição com seu tenente. A presente pesquisa objetiva comparar as características das personagens Otelo e Cássio para apontar elementos que sustentem a tese de que Otelo, impulsionado pelo forte ciúme, tenha desenvolvido um sentimento ou complexo de inferioridade, a partir do reconhecimento das diferenças existentes entre ele e seu adversário. Mesmo procurando esconder-se atrás de uma máscara de superioridade, de bom e valente guerreiro, Otelo admite ser inferior por não possuir traços atraentes às mulheres jovens de Veneza. A base teórica deste estudo é composta por autores como Adler (1967), Mohana (2002), Nuttin (1967) e Polidorio (2013).

Palavras-Chave: Mouro; Cássio; Complexo de inferioridade.

Resumo

La tragedio Otelo (1993 [1604]), verkita de dramisto William Shakespeare, prezentis la maŭra ĝenerala Othello, kiuj murdoj edzinon kredi en liaj supozitaj perfido kun sia leŭtenanto. Tiu esplorado celas kompari la karakterizaĵoj de Othello kaj Cassio karakteroj atentigi elementoj por subteni la teorion ke Otelo, pelitaj de fortaj ĵaluzo, evoluigis senton aŭ kompleksa de inferioridad, de la rekono de la diferencoj inter li kaj lia kontraŭulo. Eĉ serĉante kaŝi malantaŭ masko de supereco, bonaj kaj brava batalanto, Othello koncedis esti malsuperan por ne havi allogan trajtoj junulinoj de Venecio. La teoria bazo de Ĉi tiu studo estas formita de aŭtoroj kiel Adler (1967), Mohana (2002), Nuttin (1967) kaj Polidorio (2013).

Ŝlosilvortoj: Maŭra; Cassius; kompleksa de malsupereco.

Abstract

The tragedy Othello (1993 [1604]), written by the playwright William Shakespeare, presents the moor general Othello who murders his wife for believing in her alleged betrayal with his lieutenant Cassio. The present research aims at comparing the traits of the characters Othello and Cassio, in order to point elements that support the thesis that Othello, driven by strong jealousy, has developed a feeling or complex of inferiority, from the moment he recognizes the differences between him and his opponent. Even seeking to hide himself behind the mask of

¹ É mestranda em Letras, Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, é Especialista em Língua Inglesa: estudos linguísticos e literários pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz – FAG e Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

² É Graduada em Letras Português-Inglês pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

superiority, of a good and courageous warrior, Othelo admits being inferior for not having attractive traits to the Venetian young women. Authors such as Adler (1967), Mohana (2002), Nuttin (1967) and Polidorio (2013) compose the theoretical framework of this study.

Keywords: Moor; Cassio; Complex of inferiority.

Introdução

A tragédia *Otelo*, de William Shakespeare, escrita por volta de 1604, foi representada no palácio de *Whitehall* para o Rei Jaime I e publicada no ano de 1622. A obra retrata a história do mouro Otelo, um grande general que se casa secretamente com Desdêmona, mulher de casta diferente: branca, erudita, veneziana e educada, filha de Brabâncio, um rico senador de Veneza.

O conflito surge quando Iago, alferes e amigo muito estimado de Otelo, resolve se vingar do mouro por este não o ter promovido a tenente. O plano consiste em provocar ciúmes no mouro, apresentando-lhe indícios de que Cássio, atual tenente, se envolvera com sua esposa. Iago rouba o lenço que Otelo presenteara Desdêmona e o deixa entre os pertences de Cássio, no intuito de suscitar raiva e desconfiança em Otelo com relação ao caráter e ao comportamento de Desdêmona.

Iago também manipula Cássio, a fim de levá-lo a perder sua honra. Sem perceber, Cássio age conforme o planejado e recorre várias vezes à ajuda de Desdêmona, para que ela intervenha a seu favor nas conversas com Otelo. Assim, as atitudes de Cássio, somadas à descoberta do lenço apresentado por Iago, são interpretadas pelo mouro como evidências de traição. Otelo acredita que sua amada o traiu e então a asfixia.

Emília, esposa de Iago e dama de companhia de Desdêmona, lamenta o triste fim de uma mulher de honra como sua senhora e conta a Otelo todo o plano edificado por seu marido. Este, enraivecido, mata a própria esposa e foge, mas é capturado em seguida. Otelo, desesperado e cheio de remorso, apunhala seu próprio corpo e morre, beijando sua esposa falecida. Ao final, Cássio ocupa a posição de Otelo como general.

Cada um dos personagens apresentados cumpre um papel importante no desenrolar da trama ao ser responsável por sentimentos e ações que culminam no desfecho da história. Segundo Antonio Candido (2007), no teatro, as personagens constituem praticamente a totalidade da obra, sendo “[...] basicamente uma composição verbal, uma síntese de palavras, sugerindo certo tipo de realidade” (CANDIDO, 2007, p. 78).

Neste artigo, tomam-se para análise as características das personagens Otelo e Cássio, com o fim de investigar os sentimentos que Otelo teria desenvolvido ao comparar-se com seu tenente.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O sentimento de inferioridade e o ciúme em Otelo: uma proposta de análise

O estudo das personagens Otelo e Cássio possibilita perceber nelas características opostas. Diferenças como a cor da pele e a cultura podem ter contribuído para aumentar os sentimentos de raiva e ciúme em Otelo, bem como tê-lo levado ao sentimento de inferioridade a partir da comparação com as qualidades de seu subordinado.

Otelo é descrito na peça como um mouro, negro, de pouca escolaridade e de mais idade que Cássio. O general se define como descendente de linhagem real, consciente de seus méritos e de seu *status* em Veneza. Por conta de seu cargo e de sua competência de nobre, era considerado um homem honrado e um destemido guerreiro. O reconhecimento de suas qualidades é evidenciado na peça quando Otelo, após se casar em segredo com Desdêmona, enfrenta o sogro, dizendo: “Quero que me encontrem. Minha dignidade, minha estirpe e minha consciência íntegra me mostrarão exatamente como sou” (SHAKESPEARE, 1993, p. 338).

Do ponto de vista de Iago, Otelo é vaidoso pelos seus feitos bélicos e orgulhoso de suas capacidades manuais, características que seriam, de acordo com Iago, próprias de uma pessoa que sente prazer em se exibir e agir conforme seus interesses.

Assim, o mouro se apresenta como um homem inteligente nas artes bélicas, mas pouco perceptivo para descobrir as armadilhas de Iago, já que acredita cegamente nas supostas provas de adultério que ele lhe mostra. Otelo demonstra ser altamente influenciável e fraco emocionalmente ao ser capaz de colocar toda a sua confiança em um amigo, e não em sua própria esposa. A alma do mouro se torna inquieta, e ele se sente obrigado a resolver a questão do suposto adultério para agir com justiça e limpar sua imagem perante a sociedade.

O impasse vivido pela personagem aprisionada pelo ciúme doentio e as consequentes ações levadas a efeito para solucioná-lo vem ao encontro do que afirma Alfred Adler (1967), segundo o qual “[...] a alma humana não pode proceder como um agente livre, porque constantemente se vê ante a necessidade de resolver problemas que lhe surgem de todos os lados e lhe determinam a diretriz de sua atividade” (ADLER, 1967, p. 36).

Outro aspecto caracterizador de Otelo é sua inaptidão com as palavras. O mouro admite não dominar as artes do bem falar por não ter recebido tal educação quando criança. Ele fôra criado para batalhas, e não para proferir belos discursos. Ele reconhece tal incapacidade em uma de suas conversas com Brabâncio:

Rude sou em minhas palavras, e pouco dotado com o doce linguajar da paz, pois, desde que estes braços tiveram a seiva dos sete anos, salvo durante estas nove luas de inação, encontraram sempre seus mais caros exercícios nos campos cobertos de tendas. E mal posso falar deste grande mundo, a não ser o que refira aos fatos de guerra e de batalha. Portanto, pouco embelezarei minha causa falando de mim mesmo. Todavia, com

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

vossa graciosa autorização, eu vos contarei sem cerimônia e sem pintura, a história inteira de meu amor [...] (SHAKESPEARE, 1993, p. 344).

Seu discurso é simples e sem rodeios, pois ele não objetiva adoçar ou embelezar sua linguagem como faria um pintor com sua obra-de-arte. O mouro explica na peça que o conteúdo de suas falas só pode versar sobre guerras e batalhas, haja vista ter realizado trabalhos árduos desde os sete anos de idade. Porém, seu modo de falar demonstra polidez e respeito para com o outro, como no ato em que pede permissão para contar a história de seu amor.

Analisando as ações da personagem, percebe-se que Otelo age muito mais pela emoção do que pela razão. Ele se deixa conduzir pelos impulsos da paixão ao casar-se com uma moça sem o consentimento de seu pai e pelos impulsos do ciúme, do ódio e da vingança ao estrangular sua esposa indefesa. A personagem tende a agir com hostilidade quando é contrariada, mas isso ocorre devido à sua forma de criação: o mouro não fôra educado nos livros, mas nas batalhas, como ele mesmo afirma. Supõe-se, assim, que ele tenha recebido uma educação que prezava pela honra e pela honestidade, mas que era intolerável a traições, o que justificaria suas atitudes, já que seu estilo de guerreiro o levava a buscar na luta a resolução de seus problemas.

Neste estudo, a fim de compreender aspectos do caráter da personagem Otelo, apresenta-se as considerações de Adler (1967), segundo o qual o caráter é resultado da forma como o indivíduo enfrenta a realidade. Nas palavras do autor,

[...] não é possível falar em traço de caráter sem considerarmos as relações de um indivíduo com o seu ambiente. [...] O caráter é uma atitude psíquica resultante do modo por que o indivíduo se defronta com o meio onde exerce a sua atividade. É o padrão de procedimento que condiciona, dentro do senso de sociabilidade do indivíduo, a sua luta para adquirir consideração e domínio social (ADLER, 1967, p. 149).

Em suas relações sociais, Otelo assume uma postura de homem honesto, comprometido e justo. Supõe-se que seu intuito seja se afirmar na sociedade, conquistar a consideração e o respeito por suas qualidades, suas atitudes e seu caráter irrepreensível. Assim, a visão que se pode construir da personagem Otelo é de um homem corajoso e honrado, embora pouco instruído e altamente movido por suas paixões.

Estabelecendo-se um paralelo entre as características de Otelo e de Cássio, encontram-se indícios para sustentar a hipótese de que haveria um sentimento de inferioridade em Otelo. Cássio é um homem fino, inteligente, de cor branca e romano, que possui a habilidade de se expressar eloquentemente e ornamentar seu discurso, visto que é um sujeito letrado e educado segundo a cultura dos brancos. Porém, não dispõe de conhecimentos sobre práticas de guerra, como se constata a partir das falas de Iago:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

E quem será ele? Por minha fé, um grande matemático, um tal Miguel Cássio, florentino, rapaz prestes a condenar-se por uma bonita mulher, que nunca fez um esquadrão manobrar no terreno, que conhece tanto a disposição de uma batalha quanto uma fiandeira, a não ser a teoria livresca que qualquer cônsul togado pode explicar tão magistralmente quanto ele. Mero linguajar infantil sem prática, é tudo o que possui de militarismo! Mas, ele, rapaz, foi o escolhido (SHAKESPEARE, 1993, p. 331-332).

Em outra cena, a personagem Cássio descreve com esmero a mulher de Otelo, Desdêmona, com as seguintes palavras:

“[...] uma donzela que supera qualquer descrição e alta fama; uma jovem que excede os conceitos das penas brilhantes e que, pelas galas essenciais de sua natureza, cansa a imaginação do artista” (SHAKESPEARE, 1993, p. 355).

Adiante, em conversa com Iago, que o induz a concordar com ele sobre as qualidades de Desdêmona, Cássio lança mão de adjetivos e aumentativos para traçar o perfil da mulher de Otelo, expressando sua opinião e admiração pelos atrativos físicos da moça:

Cássio – É uma das damas mais deliciosas que já vi.

Iago – E, posso garantir, cheia de prendas para a coisa.

Cássio – É verdade: uma criatura deliciosa e delicadíssima.

Iago – Que olhar tem! Parece-me soar uma chamada para a provocação.

Cássio – Um olhar convidativo e, ao mesmo tempo, parecendo-me modesto.

Iago – E quando fala, não é um alarma para o amor?

Cássio – Para dizer a verdade, é a perfeição em pessoa (SHAKESPEARE, 1993, p. 365).

Cássio se revela também um homem comprometido com sua função, reputação e imagem pública. Ele tem consciência de suas responsabilidades, por isso quando Iago o convida a beber responde: “Hoje de noite, não, bom Iago; estou com um cérebro muito pobre e infeliz para bebidas. Bem gostaria que a cortesia inventasse algum outro modo de diversão” (SHAKESPEARE, 1993, p. 365). Porém, como Iago continua insistindo, ele cede à tentação e age conforme deseja o alferes. Cássio se deixa levar por palavras, embora tenha bons princípios e conheça as regras de comportamento.

Nesse ponto, percebem-se semelhanças entre Otelo e Cássio: ambos são preocupados com sua imagem e honra, mas também são influenciáveis e ingênuos. Cássio tenta a todo custo se redimir da culpa de ter se embebedado e brigado com Rodrigo, bem como por ter caído nas armadilhas de Iago. Do mesmo modo, Otelo destitui Cássio do cargo, não volta atrás de sua decisão e acredita nas palavras proferidas e nas evidências apontadas por Iago.

Apesar das semelhanças, as diferenças físicas e sociais entre Otelo e Cássio se destacam mais na peça. Cássio é descrito por Iago como um



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

[...] patife intrigante e subtil, um oportunista! Um falsário que pode exteriormente imitar todas as qualidades, sem jamais apresentar uma qualidade que seja! Um canalha diabólico! Além disto, o patife é simpático, jovem e possui todos aqueles requisitos que pode desejar a loucura de uma verde imaginação! (SHAKESPEARE, 1993, p. 362).

Em *Otelo*, faltam amorosidade na fisionomia, simpatia e gestos educados. Por isso, segundo Iago, Desdêmona poderia se enojar do mouro e partir para uma segunda opção, como é o caso de Cássio.

Observando o retrato das duas personagens pela perspectiva de Iago, compreende-se que *Otelo* não tem as qualidades que as mulheres normalmente procurariam em um homem, portanto, Cássio estaria em vantagem nesse ponto.

Ao se comparar com suposto adversário, *Otelo* pode ter se sentido inferior a Cássio diante da possibilidade de ter sido substituído por alguém mais jovem, encantador e eloquente. O reconhecimento desse *status* de inferioridade se justifica pelo fato de *Otelo* ter sentido ciúmes de sua esposa quando acredita no suposto adultério cometido por Desdêmona e Cássio. Como consequência desse fato, tem-se a morte de Desdêmona, a vingança de *Otelo* para com sua esposa.

Segundo Alir Sanagiotto (2006), há uma ligação entre inferioridade e ciúme:

O marido é ciumento porque, olhando para os homens, considera-os mais bonitos, capacitados e atraentes que ele, então sente ciúme pela possibilidade de perder a mulher para eles. Inconscientemente, devido a seu complexo de inferioridade, conclui que, se a mulher tiver de escolher entre ele e os outros, ele sobrar. [...] O ciúme não é consequência do amor, mas de um sentimento de inferioridade, de não se amar e de não gostar de si mesmo (SANAGIOTTO, 2006, p. 66).

Polidorio (2013) compartilha dessa visão ao destacar que o ciúme excessivo só acontece quando o indivíduo se sente inferior àquele que lhe provoca tal sentimento. O autor aponta que *Otelo* não se torna bem-sucedido no final da peça devido ao fato de que suas qualidades são relativas apenas a um bom lutador, e não a um cavalheiro. Segundo Polidorio (2013),

[...] o ciúme excessivo somente é possível se o unirmos ao complexo de inferioridade sentido por *Otelo* e alimentado por *Brabânco* já no início da peça. Afinal, como sentir tanto ciúme de alguém que parece ser inferior a ele? A necessidade de termos um *Otelo* que trazia somente atributos de um guerreiro, e não de um cavalheiro, foi essencial para a sua derrocada (POLIDORIO, 2013, p. 229).

Denota-se que *Otelo*, ao perceber suas diferenças, tenha se desvalorizado e subestimado. Tal pode ser o resultado da consideração de alguns fatores como cor de pele e origem: sua cor negra destoava da cor branca, dominante naquela sociedade; e sua origem moura era diferente da origem das pessoas ao seu redor.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

No ambiente em que se encontra, Otelo sofre preconceito por sua cor e origem, o que se confirma em várias passagens da peça em que são associados aspectos ruins à sua figura. Em conversa com Brabâncio, Iago se refere a Otelo como “[...] velho bode negro” (SHAKESPEARE, 1993, p. 334) e Rodrigo informa que Desdêmona foi transportada para os “[...] abraços de um Mouro lascivo [e] tornou-se culpada de grave falta, sacrificando seu dever, sua beleza, seu engenho e sua fortuna a um estrangeiro vagabundo e nômade, sem pátria e sem lar” (SHAKESPEARE, 1993, p. 335).

Brabâncio, inconformado com a perda da filha para Otelo, pronuncia palavras de ódio contra o mouro, revelando sua opinião sobre pessoas de cor negra:

Infernal como és, sem dúvida a encantaste com efeito, apelo para toda criatura de senso; se não estivesse ela encadeada em correntes de magia, será que uma donzela tão terna, tão bela, tão feliz, tão contrária ao casamento que rejeitava os apaixonados mais suntuosos e mais bem frisados do país, teria, algum dia, com risco de ser objeto do desprezo geral, fugido da tutela paterna para ir refugiar-se no seio denegrido de um ser como tu, feito para inspirar medo e não deleite? Que o mundo seja minha testemunha, se não é de toda a evidência que agiste sobre ela com feitiços odiosos, que abusaste de sua delicada juventude por meio de drogas ou de minerais que debilitam a sensibilidade (SHAKESPEARE, 1993, p. 340).

A partir dessas falas, interpreta-se que as imagens construídas sobre o mouro são de um animal velho, com grande apetite sexual, um ser que causa medo, um nômade vagabundo e um feiticeiro oportunista. Na visão de Brabâncio, está contra as leis da natureza uma moça nova como Desdêmona, de reputação e beleza, se apaixonar por um ser como Otelo. Evidencia-se aí a discriminação contra o negro, pelo fato de ser inadmissível uma pessoa com essa cor de pele pertencer a uma família de pele branca.

Até saber dessa relação amorosa, a convivência com o negro foi pacífica, pois Brabâncio demonstrou grande apreço pelo mouro enquanto eram amigos. Mas a integração de um negro à família não seria possível, já que, na perspectiva de Brabâncio, não era lógico uma moça veneziana sentir-se atraída por alguém com traços e cultura tão distintos dos seus.

Logo no início da peça, o mouro Otelo dá pistas de que se sente seguro de si e do amor de Desdêmona por ele. Após comentar as virtudes de sua amada, embora reconheça que seus méritos sejam fracos, ele assegura que não permitirá que se derivem destes qualquer medo ou dúvida a partir das revoltas de sua mulher.

Iago se aproveita da situação para plantar a semente do ciúme e manifesta seu receio quanto a Desdêmona, pois ela poderia comparar as formas de Otelo com as formas de sua pátria e, assim, chegar ao arrependimento por ter se casado com o mouro.

Após ouvir as palavras de seu conselheiro, Otelo se torna inquieto e inseguro: “Talvez porque seja negro e não tenha na conversação as formas flexíveis dos intrigantes, ou, então, porque esteja descendo o vale dos anos (embora nem tanto assim) [...]”



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(SHAKESPEARE, 1993, p. 388). Nessa fala, Otelo pode estar se comparando com outros homens, mas de forma especial com Cássio, personagem que apresenta atributos distintos dos seus. Nesse ponto, é possível que Otelo esteja experimentando um sentimento ou até um complexo de inferioridade.

Sobre esse tema, entende-se complexo como um aglomerado de elementos psicológicos (MOHANA, 2002). Quando esse conjunto provoca uma sensação evidente de inferioridade, contra a qual a pessoa é impelida a reagir de diversas formas, esse fenômeno se chama complexo de inferioridade.

De acordo com Glauber Novaes (2010), o termo complexo de inferioridade foi criado por Alfred Adler, psicólogo, psicanalista e psiquiatra, para designar o estado neurótico que tem, por fundamento, o sentimento de insuficiência, ou seja, a incapacidade para enfrentar seus problemas. Segundo esse autor, o complexo de inferioridade convence o ser humano de que ele é menos importante, não tem valor, nem capacidade, e não é amado. Conforme explica Adler (1967), “[...] os seres humanos são meios muito apropriados para o desenvolvimento de todas as espécies de complexos de inferioridade” (ADLER, 1967, p. 153).

Mohana (2002) ressalta que esse complexo é formado por três elementos. O primeiro se refere à sensação de inferioridade, que pode ser tanto real e verificável como irreal. Contudo, nesses casos, ela se torna real para a pessoa que se sente inferior, afetando-a, influenciando em sua conduta e repercutindo em seu psiquismo. Assim, mesmo que a pessoa não seja, ela se considera como tal e essa sensação interfere em muitas de suas atitudes. O segundo seria a recusa, que ocorre quando a pessoa não se resigna a admitir sua inferioridade. Apesar de sentir que sua constituição é grosseira, a pessoa procura não aceitar essa evidência, mas, sim, lutar para ocultá-la, até de si mesma. Nesse ponto surge o que se denomina por máscara, o terceiro elemento do complexo de inferioridade.

Mohana (2002) assevera que tais elementos surgem no inconsciente do ser humano, mais especificamente, na área de impulso de autoafirmação, devido ao qual a recusa pode se manifestar. Tal fato acontece quando a inferioridade o atinge e o leva a ativar a rejeição. De modo semelhante, esse impulso tenta esconder o que lhe aflige, o que resulta no surgimento da máscara. Por essas razões, Mohana (2002) assevera que o complexo de inferioridade é uma doença do impulso de autoafirmação e complementa que o tipo racial visado por preconceitos, a feiura flagrante e o baixo quociente intelectual são alguns dos fatores que podem desencadear esse complexo.

Na visão de Mohana (2002), complexo é diferente de sentimento de inferioridade porque tal sentimento não é um processo profundo, mas superficial e reconhecível, que atua no sistema psíquico consciente. A pessoa conhece esse sentimento e coordena as



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

reações que ele provoca, o que se configura como um processo sem consequências sérias. Contudo, é possível ao complexado sentir sua área de inferioridade.

Esse mesmo autor diferencia ainda o recalque de complexo de inferioridade. Apesar de surgir da inferioridade ou conduzir a ela, o recalque não é o mesmo que complexo de inferioridade, pois no recalque há somente recusa, enquanto no complexo há também máscara, responsável por encobrir a inferioridade da pessoa. Por isso, o recalcado não é complexado, mas todo complexado é recalcado, já que existe recusa nesse caso.

A inferioridade do complexado pode ser evidenciada em atitudes superiores e distanciadas, situação esta que consiste em refugiar-se no complexo de superioridade como máscara para o complexo de inferioridade, assevera Mohana (2002).

Nuttin (1967), em estudo sobre as teorias de Adler, também aponta esse refúgio na superioridade quando aborda a tendência de se fazer valer, indicando a possibilidade de desenvolvimento, já na infância, do sentimento de inferioridade. Quando sente sua dependência em relação aos pais, a criança atrela sua incapacidade à sua inferioridade diante do adulto superior. A partir dessa situação, pode surgir um impulso para a superioridade no qual a criança se vê diante de duas alternativas: manter sua individualidade ou se sufocar entre os indivíduos superiores. Conforme Nuttin (1967), “[...] sob a influência do sentimento de inferioridade, a necessidade fundamental, que é a *conservação de si mesmo*, converte-se e se transforma num impulso a *fazer-se valer*; uma ‘vontade de poder’” (NUTTIN, 1967, p. 382-283, grifos do autor). Assim, de acordo com as palavras do autor, a criança deseja ser superior por ser inferior e procura uma compensação para tal sentimento de inferioridade.

Nuttin (1967) explica que a impulsão para a compensação é reforçada gradualmente à medida que

[...] o sentimento originário de inferioridade, sob a influência de algum acontecimento desse gênero, se desenvolve em formas inconscientes de um complexo de inferioridade. Pois, por todos os modos, a pessoa que se sente “inferior” procura compensar esse sentimento. Tal é a lei fundamental da conservação de si mesmo no plano psíquico (NUTTIN, 1967, p. 388).

Após cada fracasso, o sentimento de inferioridade na pessoa aumenta, bem como sua necessidade de compensações, relata Nuttin (1967). À medida que cresce o sentimento de inferioridade, se eleva a necessidade de realizar feitos extraordinários com o intuito de se fazer valer para si mesmo.

Baseando-se nas teorias já elencadas para análise do personagem Otelo, reconhecem-se no mouro características próximas às encontradas no complexo de inferioridade. Ele expõe suas grandes realizações ocorridas na guerra, das quais sente orgulho. Nessa cena, possivelmente Otelo esteja mascarando sua inferioridade por meio de seus feitos extraordinários, pois, dessa maneira, ele recusa



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sua inferioridade, escondendo-a de todos e de si, e compensa-se para fazer valer a sua pessoa. Portanto, o mouro não revela aos outros que se sente inferior devido à sua falta de cultura e inabilidade retórica, mas deixa transparecer uma imagem de homem superior, valente e forte.

A posição assumida por Otelo na sociedade é de um empregado de Veneza, cujo valor só existe em consequência do que ele pode oferecer de vantagem aos governadores. Além disso, o mouro faz parte de uma casta desprestigiada, não externa beleza física e apresenta baixo quociente intelectual, fatores passíveis de desencadear um complexo de inferioridade.

À medida que a inferioridade parece se tornar evidente, Otelo procura esconder sua aflição inclusive da esposa Desdêmona. Quando ela lhe pergunta por que fala com voz tão débil, o mouro mente ser apenas uma dor de cabeça, embora esteja sofrendo com o ciúme.

Pela observação dos comportamentos de Otelo, pressupõe-se que os efeitos do sentimento ou complexo de inferioridade transparecem nas ações do mouro, que se torna mais agressivo e não teme maltratar a mulher em público por causa de seu ciúme. Esse estado emocional, conforme explica Fromm (1981), é uma frustração que leva a pessoa à agressão e à hostilidade. Assim, essa situação se apresenta como mais um indício da existência de um sentimento de inferioridade em Otelo, cujo amor excessivo pela esposa pode ter se transformado em doença.

O sofrimento de Otelo é acentuado pelas palavras de Iago sobre o possível colóquio amoroso entre Desdêmona e Cássio. Quando Iago sugere ao amigo Otelo que seja cauteloso com o ciúme, ele não acredita que tal sentimento possa ocorrer. No entanto, a personagem afirma que gostaria de ter uma prova e declara: "Preciso ver antes de duvidar. Quando eu duvidar, precisarei de provas. E, uma vez fornecida a prova, não há nada além disto: o fim do amor e do ciúme" (SHAKESPEARE, 2012, p. 87).

Há na tragédia outro momento de ciúme quando Iago relata que, certa noite, Cássio não dormia bem por causa de uma dor de dente e repete as palavras de Cássio para o mouro: "Suave Desdêmona, sejamos prudentes! Disfarçemos nosso amor!" (SHAKESPEARE, 1993, p. 392). Otelo acredita cegamente em tudo que Iago lhe diz e afirma: "Embora seja um sonho, é um indício nefasto" (SHAKESPEARE, 1993, p. 393). Dessa forma, Iago deixa Otelo em dúvida, especialmente depois de alertá-lo de que Desdêmona, tendo traído seu próprio pai, também poderia trair seu esposo.

Otelo, sentindo-se traído, mesmo sendo um general de grande honra, se sente rebaixado e inferior. O mouro considera Desdêmona um caso perdido e, num momento de raiva, afirma: "Fui enganado e meu único consolo deve ser desprezá-la. Oh! maldição do casamento..." (SHAKESPEARE, 1993, p. 388). Em razão desse ciúme doentio, alimentado falsamente, Otelo comete o assassinato da esposa.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em relação ao casamento, Simone de Beauvoir (1990) expõe que “[...] não se trata para o marido de ser amado e sim de não ser enganado. Ele não hesitará em infligir à mulher um regime debilitante, vedando-lhe o acesso a qualquer cultura, embrutecendo-a com o único fim de salvaguardar a honra” (BEAUVOIR, 1990, p. 180). Depreende-se que a Otelo, um marido traído e ferido pela mulher que mais ama, só resta “lavar a honra” com sangue.

Atenta-se para o sofrimento de Otelo com seu ciúme e com o sentimento de inferioridade desenvolvido em seu inconsciente. Mesmo procurando esconder-se atrás de uma máscara de superioridade, de bom e valente guerreiro, Otelo reconhece ser inferior por não possuir traços chamativos às moças daquela sociedade. Sua imagem e educação destoam dos tipos encontrados em Veneza. Embora Cássio ocupe um cargo de menor valor que Otelo, ele se sobressai em outros pontos, que seriam mais atrativos para Desdêmona do que as características rústicas do general.

Considerações finais

Na tragédia *Otelo* (1993), verificam-se indícios de que o mouro desenvolveu um sentimento ou complexo de inferioridade. O fato que melhor sustenta essa hipótese é o ciúme que o personagem principal experimenta, pois envolve a existência de um sentimento de inferioridade com relação a outra pessoa. Cássio aparenta ser uma ameaça à sua tranquilidade, um ultraje para sua pessoa e um ser que lhe causa ódio e humilhação, já que supostamente seduziu e conquistou Desdêmona com seus encantos.

Com base nas descrições apresentadas na peça, compreende-se que Otelo demonstra ser um homem fraco e inseguro de si. Embora aparente o contrário em público, quando se engrandece com suas realizações bélicas, o mouro reconhece ser diferente, de classe distinta da de sua mulher, com traços pouco atraentes. Consequentemente, seu sentimento de ciúme e sua condição de inferioridade contribuem para levá-lo à tragédia final.

Referências

- ADLER, A. **A ciência da natureza humana**. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1967.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CANDIDO, A. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FROMM, E. **O coração do homem: seu gênio para o bem e para o mal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.
- MOHANA, J. De quem é o complexo?. In: _____. **Ajustamento conjugal**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 99-122.
- NOVAES, G. **Vencendo o complexo da inferioridade**. São Paulo: Naós, 2010.
- NUTTIN, J. **Psicanálise e personalidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1967.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

POLIDORIO, V. "Análise de algumas características da peça Otelo". *In* Travessias, v. 7, n. 1, p. 225-231, 2013. Disponível em e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/6533/6241. Acesso em 16.10.2016.

SANAGIOTTO, A. O ciúme. *In*: _____. **A cura pelo amor**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2006. p. 65-66.

SHAKESPEARE, W. **Otelo**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

_____. **Otelo**. São Paulo: Nova Cultural, 1993.